

Comércio enfrenta o drama da degradação

Foto: Elói Corrêa

PROMESSAS

O projeto para revitalizar a área ainda não saiu do papel

JAIR MENDONÇA

A zona comercial da Cidade Baixa tem proposta da prefeitura de ser revitalizada, mas até agora o que se observa é uma contínua degradação do bonito patrimônio arquitetônico. Aos poucos, a área sofre outras conseqüências negativas, como o fechamento de estabelecimentos comerciais, fator apontado como o principal responsável por outros dois graves problemas: o aumento do desemprego, da economia informal e de desorganizada na área e da prostituição. Na Praça Visconde de Cayru, onde está erguido o Elevador Lacerda, um dos cartões-postais de Salvador, é visível o estado de deterioração dos prédios.

A visão que se tem é que o Estado abandonou a área. Corredores inteiros de casarões, com belas fachadas, estão relegados à própria sorte. O descaso dos órgãos públicos causa estragos profundos. Esqueletos de vários casarões estão à mostra na Avenida do Contorno. Na Praça Visconde de Cayru, todas as casas existentes entre a Igreja da Conceição da Praia e a Rua Corpo Santo estão com as fachadas sujas, três delas já estão abandonadas. Cinco abrigam prostíbulos, cuja falta de manutenção acelera a degradação.

As igrejas da Conceição da Praia e de São José estão com as paredes sujas. Nem mesmo os equipamentos mais recentes escapam do descaso. O monumento à Bahia, construído na década de 70 em fibra de vidro, de autoria do artista plástico Mário Cravo Júnior, está sujo e o sistema hidráulico que aciona a cascata artificial, antes iluminada por luzes de várias cores, parou de funcionar. Na Praça Visconde de Cayru, apenas um imóvel, ao la-

do do Elevador Lacerda, começou a ser reformado – mas as obras foram paralisadas.

Cenário triste

A prefeitura não conserva os prédios nem cria meios de se fazer cumprir o Código de Postura da cidade. Vários casarões de propriedade de empresas estão se degradando aos poucos. Um deles, situado na mesma praça, é o que abrigou durante muitos anos uma das lojas de uma rede de supermercados. Hoje, o imóvel está abandonado. E pior: A marquise que se estende por mais de 20 metros apresenta rachaduras e outras fissuras que indicam o comprometimento de sua estrutura física. A área até hoje não foi isolada. Embaixo dela, porém, cerca de 40 vendedores ambulantes permanecem durante todo o dia.

Um cenário triste está presente na maioria das ruas e becos que compõem o comércio da Cidade Baixa. “Ninguém toma providências”, protesta uma comerciante, instalada na Rua Corpo Santo. A exemplo de outros pequenos empresários da área, ela concedeu entrevista há um ano pedindo à prefeitura obras de reforma num casarão vizinho, abandonado há três anos. Hoje, resta apenas o esqueleto do imóvel que continua abandonado.

Várias reportagens veiculadas em A TARDE, em 2000, denunciaram casarões que ameaçavam cair. Um deles, o de nº 4, desabou depois de um incêndio, na semana passada. Outro casario, situado na Rua da Bélgica, esquina com a Rua Portugal já está abandonado e com a estrutura bastante comprometida pela erosão do tempo.

O resultado dessa falta de aplicação de recursos na recuperação do patrimônio arquitetônico resultada no desaquecimento do comércio. Inúmeros prédios comerciais estão com salas vazias. Escritórios, consultórios médicos, lojas e outros estabelecimentos comerciais estão sendo fechados. “Só temos tido prejuízos”, disse

um comerciante. Para ele, a prefeitura “abandonou a área, mas é sempre ávida em cobrar tributos”.

Um comerciante e ex-membro da Associação Comercial da Bahia, disse que a entidade encomendou um estudo, não divulgado, que apontou a redução do nível de emprego na Cidade Baixa, nos últimos anos. “Muita gente ficou desempregada”, revelou. Quem sentiu o problema na pele foi José Paulo da Silva Santos, que trabalhou durante oito anos em uma loja de eletrodoméstico na Rua Estados Unidos – fechada há um ano por falta de consumidores. “Nunca mais consegui emprego”, lamentou o ex-comerciário, que virou camelô.

Prostituição

O que mais tem crescido na área da Cidade Baixa é a prostituição e o mercado informal, que invade as calçadas das ruas com ambulante oferecendo produtos diversos nacionais e importados, além de frutos e alimentos. Na Praça Visconde de Cayru e em várias ruas é cada vez mais freqüente a presença de prostitutas. Na Praça da Inglaterra, à noite, várias adolescentes ofertam o corpo por valores que oscilam entre R\$ 10 e R\$ 30. “A idade estipula o preço”, comentou um aposentado, que disse ser cliente de uma adolescente de apenas 13 anos. A adolescente C.M.S., 15 anos, se prostituiu há um ano. A degradação da área comercial da Cidade Baixa ganha relevância no relato que ela faz sobre sua vida. Seu pai trabalhou durante cinco anos em uma firma de representação comercial instalada na área, que acabou falindo no início do ano passado. Ele ficou desempregado e a empresa até hoje não pagou sua indenização trabalhista. “A gente foi morar num casarão, invadido na Ladeira do Taboão”, conta a adolescente. O pai passou a vender frutas na Rua Estados Unidos. “Passamos fome”, relembra C.M.S., que um dia resolveu se prostituir para conseguir dinheiro para o sustento da família.



Apenas os esqueletos de velhos casarões do Comércio resistem ao descaso dos órgãos públicos